

Raquel Lima: palavras que atravessam o tempo e as fronteiras

Words that transcend time and borders

Des mots qui traversent le temps et les frontières

Raquel Lima¹

(1) Poeta, performer e investigadora.



Poeta, performer e investigadora, Raquel Lima tem construído um percurso singular, onde arte, pensamento crítico e intervenção social se cruzam. Doutoranda em Pós-Colonialismos e Cidadania Global no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, desenvolve a sua investigação na oratura — estudando contos, lendas, poemas, provérbios e outras formas de transmissão de conhecimento tradicionais difundidos por via oral. A escravatura e os movimentos afrodiaspóricos são elementos muito presentes na sua obra poética. Com um percurso académico iniciado na licenciatura em Estudos Artísticos — Artes Performativas, Raquel Lima afirma-se como uma das vozes mais relevantes da poesia oral

contemporânea, apresentando o seu trabalho artístico e académico em vários continentes. Autora do livro e audiolivro *Ingenuidade Inocência Ignorância* (2019), cofundadora da UNA — União Negra das Artes e presença ativa em eventos como a Bienal de Veneza e o Congresso Mundo de Mulheres, Raquel Lima faz da palavra um território onde a memória, a identidade e a resistência se misturam quase visceralmente. Especificamente a pensar nesta edição dos ANAIS do IHMT, Raquel Lima escolheu partilhar «Devaneios da democracia hipotecada», um poema onde evidencia o perigo de uma ideia que é deturpada e que, ao sê-lo, potencia as desigualdades estruturais e sociais do mundo atual.

Nota: Fotografias - arquivo pessoal de Raquel Lima.

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.549>

Devaneios da democracia hipotecada

A democracia é uma ideia transformada em bem ou serviço,
Comprada com as poupanças, comprada por quase nada.
Comprada a acreditar que era uma transacção sem juros
Fidedigna, irreversível e de garantia ilimitada.

Afinal era um empréstimo, a crédito, ao capitalismo,
Temporário, inflacionável e com juros até ao abismo.

O capital gerava lucro acumulado e reinvestido,
Enquanto as massas confiavam na segurança social:
Contribuíam, tributavam, contribuíam, tributavam,
E tinham direitos humanos mas numa forma maquinal.

O sistema democrático era o mais justo e coerente.
Criou-se todo um circo jurídico com essa bandeira içada
E nós, seguíamos confiantes face à solução encontrada,
Sem sonhar que a democracia fosse mais tarde hipotecada.

A casa grande foi montada com diversas prateleiras
Dos direitos, economias, letras, artes e asneiras
Humanidades, sociologias, ciências, educação
E em todas garantem que existe liberdade de expressão.

Negros no campo, gritam há tempos, que não há democracia
Não são tidos como humanos mas recursos e mercadoria
Então na casa acharam por bem fazer mais umas prateleiras:
biologias, recursos humanos e antropologias na dianteira

Mas vender democracia era um grande investimento
Vender-nos a ilusão de auto-controle a todo momento
E ao mesmo tempo abolir a ideia da emancipação
Então bancos, fronteiras e igrejas serviram como salvação

Porque a casa da repressão era ao pé da casa do fascismo
E ambas serviam a grande mansão já montada do capitalismo
Hipotecar a democracia foi só pintar com quatro de mão,
Mudar portas, fechaduras e encafiar gavetas no sótão.



A empreitada da fachada foi a mais difícil de pintar
Até vieram republicanos e democráticos para ajudar!
Mas como as belas fatiotas davam sempre nas vistas
Foram entre esquerda e direita para entreter-nos com listas.

Enquanto isso as casas cresciam tão democraticamente
Que poucos sentiram o cheiro a podre no ambiente
Cheirava a genocídio judaico, indígena, negro e cigano
Mas lá na casa dançavam com fado, flamenco e tango

A democracia... uma ideia transformada em bem ou serviço,
Comprada com as poupanças, comprada por quase nada.
Comprada a acreditar que era uma transacção sem juros
Fidedigna, irreversível e com garantia ilimitada.

Afinal era um empréstimo, a crédito, ao capitalismo,
Temporário, inflacionável e com juros até ao abismo.

E toda a gente já sabia que a Ganância e a Ostentação
Eram só as irmãs mais novas da Dona Colonização
Ainda assim continuavam a comprar democracia
Por ingenuidade, inocência, ignorância ou teimosia.

E se alguém ousasse falar sobre aquecimento global
 «Mas ora essa, que tolice, isso faz parte, é natural»
 Cheira a dióxido de carbono, gases e efeitos de estufa
 Queimadas de combustíveis fósseis e da floresta tropical

Anos de vozes caladas: anos de democracia
 Anos de vidas ceifadas: anos de democracia
 Anos de mulheres estupradas, refugiadas, escravizadas:
 anos de democracia

Anos de espionagem sobre os rebeldes da libertação
 Cheirava a guerrilhas, a denúncias e teorias da revolução
 E quando a clandestinidade deu buraco orçamental
 Então um génio megalómano inventou a rede social

Porque num mundo democrático vamos poder partilhar
 A nossa vida realizada, ou sobre o que estamos a sonhar
 Ideologias, partidos políticos, bem como o destino de férias
 Artes, carros, estilos de vida e tudo o que queremos comprar



Nada como sermos nós próprios a oferecer de bandeja
 O que as massas reflectem e o que o povo almeja
 Cereja no topo do bolo sem grande consternação:
 As redes agora ditam o que é verdade, história ou ficção

A democracia... uma ideia transformada em vírus,
 Comprada com as poupanças, comprada por quase nada
 Comprada a acreditar que era uma transacção genial
 Mas os juros?... eram a terceira guerra mundial.

